

Domingos Tavares

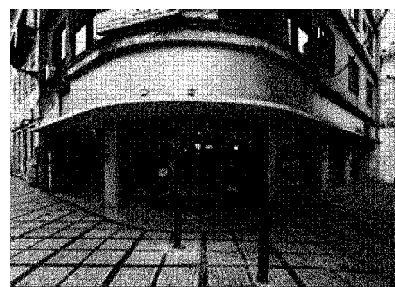
**Memórias – razões e sentido  
de uma aprendizagem  
em arquitectura**



Conheci Carlos de Almeida no final de 1961. Cheguei a Coimbra com presunção de estudante e ambição de me orientar, logo que possível, para a arquitectura. Sopunha-me ser capaz de desenhar e fui oferecer os meus préstimos em trabalho à hora ao mais activo arquitecto da cidade. Admirei a firmeza com que conduzia a execução das suas obras. Senti a força da modernidade do prédio da Rua da Sofia onde estava instalado o seu escritório-atelier. Percebi a convicção com que se entregava ao seu ofício numa linha de afirmação militante da corrente moderna, perseguindo as poéticas de Le Corbusier ou Niemeyer em nome do progresso. E o firme compromisso que a si próprio se impôs de acreditar sempre no seu país e no seu povo, aceitando as utopias do futuro. Só mais tarde me apercebi de quanto depois veio a sofrer na defesa dos seus ideais. Com simpatia e compreensão inventou para mim algum trabalho, talvez desnecessário, dando-me o alento que não sei se a qualidade do desenho realizado teria merecido.

Nesse Outono de 1961 saiu do renovado periódico estudantil “Via Latina” uma Carta Aberta à Jovem Portuguesa que incendiou a Academia. Era apenas um ingénuo apelo à consciência cívica das novas gerações, mas nem por isso deixou de provocar um debate emocionante entre forças políticas situacionistas e os paladinos de uma cultura aberta a novos tempos e valores. O ambiente extremou-se e ocorreram greves com as consequentes cargas policiais. Vários colegas foram despachados para a guerra de África, se não optaram rapidamente pelo exílio intelectual de Paris. Em Fevereiro, os Jograis de S. Paulo deram um recital de poesia no anfiteatro das Letras e revelaram, para gáudio de uma multidão de estudantes que esgotou completamente a sala, que o desaparecido paquete Santa Maria, raptado em pleno Atlântico, se dirigia para Cabo Verde. Algum tempo depois, naquele mesmo palco, o saudoso Professor José Carlos Ferreira de Almeida ensinava a uma plateia igualmente repleta o processo de descoberta da verdadeira representação do espaço através da história da pintura do Renascimento italiano. A massa estudantil estava sempre disponível, tanto para enfrentar alegremente os mais chatos discursos dos inflamados dirigentes da Academia nas Assembleias Magnas, como os cavalos da polícia de choque. Tão interessada em aprender o que não se ensinava nas aulas, como presente nos concertos do Orfeão ou do ciclo de música da Gulbenkian. Activa no teatro, espectadora no cinema, gastando horas de conversa nas esplanadas da Praça de República.

Inscribi-me no curso de desenho do Círculo de Artes Plásticas. Afinal não tinha assim tanta confiança nas minhas capacidades pessoais quando pensava virar-me para o mundo da arquitectura, apesar das palavras de conforto de Carlos de Almeida. Ao cimo da Avenida Sá da Bandeira estava em vias de conclusão a nova sede da Associação Académica. Aquela construção trazia-me à lembrança novas arquitecturas como as que visionava nos livros de uma estante da livraria do Porto que visitava quando apanhava boleia para a cidade grande. Deles fixei nomes de artistas criadores como Frank Lloyd



1. Carlos de Almeida – Edifício na Rua da Sofia, Coimbra, 1954 (fotografia João Armando Ribeiro)



2. Alberto Pessoa e João Abel Manta – Instalações Académicas da U.Coimbra, 1954/62



3. Januário Godinho – Mercado Municipal de Ovar

Wright e Le Corbusier e casas, principalmente casas a preto e branco, fluxos de água entre florestas ou estranhas caixas de vidro encasteladas em jogos de luz e sombra. Num sossegado domingo infiltrei-me pelos interiores da obra para dar saída a uma natural curiosidade e pude ver um largo terreiro ganhando forma por dentro da diversidade da envolvente construída. Entre paredes e caminhos imaginei um lugar de maior conforto do que o sombrio pátio das letras, inacessível, impedindo os namorados no corredor de ver para além dos vidros foscos da grande casa cúbica. Nem imaginava que um dos arquitectos autor das Instalações Académicas, Alberto Pessoa, também fosse responsável pela equipa que projectou as enormes massas de pedra que eram a Biblioteca Geral e a Faculdade de Letras, envolvendo o pátio das mamudas. Os lugares de futuro que agora surgiam anunciavam-se mais dinâmicos, mais alegres, onde todos nos poderíamos sentir por dentro de espaços vividos com a frescura do ar livre.

Em Ovar, alguns anos antes, acompanhei as obras do novo mercado, quando todas as madrugadas corria para o comboio a caminho do Liceu. Era o progresso da minha terra que estava em jogo quando se soltavam as cores vermelhas e amarelas pelas paredes e vidros dos pavilhões ondulantes a formar novas praças. Talvez venha daí, desses tempos de criança quase rapaz, um sentimento de alegria por ver nascer as formas de um outro estar, prolongamento das ruas onde sempre rebentávamos as botas em jogos e correrias. Alguma coisa me fez pensar que o arquitecto das novas instalações académicas seria amigo, companheiro de ideias, colega de escola ou de grupo do arquitecto do Mercado de Ovar. Afinal não era assim. Ecléticos ambos, concebendo arquitecturas em função das novidades do momento e dos destinos programados para cada obra, eles colocavam a maestria da sua acção na capacidade de mobilizar as formas de organização do espaço com recurso ao desenho que expressa no papel a força das ideias para criação das formas, independentemente dos sistemas de construção dominante, pedra ou betão, madeira ou vidro. Livres de aceitar fazer a obra entre o sinal de convivialidade ou de afirmação da autoridade e poder. É por aí que começamos a compreender porque encontramos o mesmo arquitecto, Januário Godinho, nos projectos do Mercado de Ovar e do Palácio da Justiça seu vizinho. Ou porque Alberto Pessoa figura como autor na execução da estratégia definida por Cristino da Silva para a Biblioteca Geral e Faculdade de Letras de Coimbra e porque é o primeiro nome da sociedade de arquitectos do projecto das instalações académicas.

Uma arquitectura dita do Movimento Moderno, entendida como corrente internacional, vinha-se impondo em Portugal depois da II Grande Guerra, interessando especialmente os arquitectos mais jovens que, de diferentes perspectivas, se sentiam comprometidos com as ideias de mudança e progresso. Cabe aqui lembrar o espírito de abertura que se vivia na Escola de Belas Artes do Porto depois da década de quarenta, apoiada no impulso modernista de Carlos